

# O RETRATO DOS ENCANTADOS: REGISTRANDO AS NARRATIVAS INDÍGENAS DE MITOS E LENDAS

Sérgio Gabriel Baena Chêne<sup>1</sup>; Lilian Rebellato<sup>2</sup>; João Antônio Tapajós<sup>3</sup> e Patrícia Juruna<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Bacharel do Curso de Antropologia – ICS - UFOPA; E-mail: gabrielcbaena@gmail.com;

<sup>2</sup>Docente Lilian Rebellato - ICS - UFOPA. E-mail: lilian.rebellato@ufopa.edu.br;

<sup>3</sup>Atuação Antropologia - UFOPA. E-mail: joao.arapyun@gmail.com;

<sup>4</sup>Atuação Antropologia - UFOPA. E-mail: patricia.jurunaa@gmail.com.

**RESUMO:** Com o objetivo de produzir material didático através de registros das narrativas sobre seres *Encantados* no Território Indígena Cobra Grande, esse projeto buscou desvelar a riqueza, diversidade e possíveis similaridades (com outras regiões) das histórias contadas pelos indígenas do Baixo Tapajós. Localizado na margem esquerda do rio Arapiuns-PA e próximo à foz do Rio Tapajós com o Amazonas, o TI Cobra Grande constitui-se basicamente em quatro aldeias karucy, Arimun e Garimpo e Lago da Praia, respectivamente pertencentes aos grupos Arapiun, Jaraki e Tapajó. Dentre os principais objetivos que nortearam o presente plano de trabalho, destacam-se: (1) o retrato do universo imaginário das comunidades; (2) a captação das narrativas de personagens/entidades através de entrevistas, utilizando material áudio visual; (3) o estímulo à prática de desenhos de imagens/entidades por alunos das escolas indígenas de ensino fundamental; e por fim, buscou-se: (4) materializar, em forma de cartilha, as narrativas, desenhos e pontos sagrados do TI Cobra Grande provenientes dos materiais coletados em oficinas e entrevistas e apresentados nesse relatório. Destaca-se que o resultado do cumprimento dos objetivos acima elencados gerou um cartilha. O material produzido já possui o ISBN da biblioteca da UFOPA para a publicação prevista para fevereiro de 2018 (de acordo com nossas projeções). A proposta inicial foi de coletar relatos, desenhos e impressões, tanto em escolas indígenas – e seus estudantes; quanto com moradores do TI Cobra Grande. A metodologia adotada serviu-se de entrevistas semi estruturadas com moradores adultos, além de oficinas de desenhos com crianças do ensino fundamental. Esse levantamento do imaginário e das narrativas sobre seres *Encantados*, coletados encontrou oito histórias recorrentes e consistentes. O resultado, em anexo, foi a produção de um material didático e audiovisual. Tais produções contêm as narrativas dos seres *Encantados* que foram coletados em campo, juntamente com a tradução dessas histórias para o Nheengatu (realizadas por tradutores da Universidade Federal de São Carlos). Prof. Dr. Antônio Fernandes Góes. Por fim, a elaboração da cartilha possivelmente será útil para o processo de aprendizagem infantil, convergindo importantes temas como: memória social, cosmologia e identidade.

**Palavras-chave:** Encantados; narrativas; Território Cobra Grande.

## INTRODUÇÃO

Atualmente, os povos indígenas passam por sérios problemas em relação aos seus direitos constitucionais, principalmente aqueles relacionados à demarcação de suas terras, o respeito aos seus costumes e tradições, bem como, garantias mínimas de conservação de áreas preservadas para assegurar suas práticas de sobrevivência cotidianas. Ameaças que geram a necessidade de impor sua existência a sociedade brasileira e cobrar das autoridades os direitos garantidos pela Constituição Federal. Dessa forma, os povos indígenas vêm resistindo a preconceitos e visões etnocêntricas presentes ainda hoje na sociedade brasileira. Com isso, o trabalho buscou registrar as narrativas dos seres encantados do Território Indígena (T.I.) Cobra Grande. Segundo Maués (2005, p. 262).

Os encantados, ao contrário dos santos, são seres humanos que não morreram, mas se “encantaram”. Essa crença tem certamente origem europeia, estando ligada às concepções de príncipes ou princesas encantadas que ainda sobrevivem nas histórias infantis de todo o mundo ocidental. Mas foi influenciada por concepções de origem indígena, de lugares situados “no fundo”, ou abaixo da superfície terrestre, e provavelmente também por concepções de entidades de origem africana, como os orixás, seres que não se confundem com os espíritos dos mortos (Maués, 2005, p. 262).

A parte de traçar a origem étnica ou a fusão multiétnica que compõe parte da identidade brasileira, esse plano de trabalho buscou apenas captar as histórias de cada indivíduo que tornou-se um ser narrado e dotado de poderes sobre-humanos, muitas vezes após sua morte; outra vez, marcado por um nascimento ambíguo. Dentre a categoria de *Encantados* escolhidos para serem representados no material didático e audiovisual produzido, destacam-se aqueles representados e narrados há décadas pela literatura nacional e, que já fazem parte do imaginário coletivo de nosso país. Outros, já bem específicos e presentes apenas na região investigada, foram selecionados devido sua recorrência e peculiaridades apresentadas. Pessoas que transformaram-se em seres *Encantados* ou *Encantados* que gostariam de serem representados/transmutados em formas humanas, foram o

objeto que mais expressaram as narrativas locais imbuídas de um caráter bastante particular e tradicional que encontramos durante a execução do presente projeto.

Além é claro dos seres *Encantado*, percebe-se que o território também possui suas localidades onde residem esses seres, locais chamados de Pontos Sagrados. Vale lembrar, que o T.I. abrange quatro comunidades: Arimum, Karuci, Garimpo, Lago da Praia, das respectivas etnias: Arapiun, Jaraqui e Tapajo. Segundo Mahalen (2015), essa área engloba cerca de 600 pessoas. O trabalho buscou também registrar elementos da identidade indígena, a partir da sua cosmologia, e materiais coletados em campo, pois para Cunha (1998, p.8)

“O crescimento do xamanismo pode se manifestar, assim, no interior de certos grupos indígenas, em movimentos milenaristas, mas também no meio urbano, na maioria das vezes – e esta é minha terceira observação – com técnicas heteróclitas que se autoproclamam tradicionais. De maneiras diversas, já se relacionaram formas de organização social, particularmente formas de organização política, e formas de percepção do mundo (CUNHA, 1998, p. 116).”

Com isso, o projeto se propôs a coletar as narrativas e entrevistar os moradores das comunidades, visando a produção de uma cartilha para o processo de aprendizagem infantil, contendo as histórias em Nheengatu. Bem como, a produção de um making-off dos dias presentes no território. Sendo assim, o projeto busca a valorização da cultura indígena do baixo tapajós quebrando algumas paradigmas e mostrando uma cultura e realidade ainda desconhecida dos povos indígenas do Baixo Tapajós.

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada em três comunidades indígenas, Arimum, Garimpo e Karuci (Figura 1), todas fazem parte do território Cobra Grande localizado na margem esquerda do rio Arapiuns. O Rio Arapiuns é um afluente do Rio Tapajós, é um rio de águas negras. O T.I. é próximo a cidade de Santarém a qual é situada no encontro dos rios Tapajós e Amazonas, na região Oeste do estado do Pará, a aproximadamente 1.520 km da capital Belém.

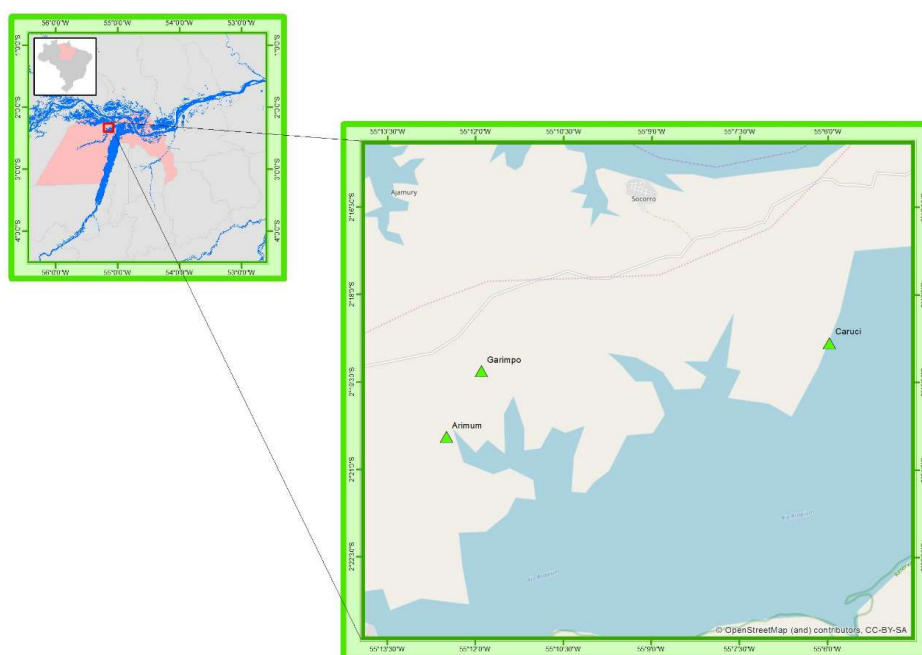


Figura 1 - Área das comunidades de atuação do projeto. Fonte: Ney Rafael

O estudo foi realizado a partir de um campo, durante os meses de setembro de 2016. As escolas escolhidas para o estudo foram: Nossa Senhora do Carmo (Karuci), Nossa Senhora Aparecida (Arimum), Nossa Senhora de Fátima (Garimpo). O método escolhido foi a pesquisa de campo e para o levantamento dos dados foi elaborado oficinas de desenhos para estimular o imaginário das crianças sobre os seres encantados, bem como a elaboração de entrevistas semi estruturadas para adultos e lideranças do território. Alguns dos relatos de histórias e curiosidades sobre os encantados, assim como os pontos sagrados estão no making-off. Para a produção do making-off foi utilizado o modo participativo, que Segundo Bill Nichols (2010, p.153):

O pesquisador vai para o campo, participa da vida de outras pessoas, habitua-se, corporal ou visceralmente, à forma de viver em um determinado contexto e, então, reflete sobre essa experiência, usando os métodos e instrumentos da antropologia ou da sociologia. “Estar presente” exige participação; “estar presente” permite observação. Isso quer dizer que o pesquisador de campo não se permite “virar um nativo”, em circunstâncias normais; ele mantém um distanciamento que o diferencia daqueles a respeito de quem escreve (1998, p.153).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos desenhos obtidos a partir das oficinas realizadas com as crianças do ensino básico indicou veio à tona constantemente sete encantados, Boto, lara, Curupira, Pretinho, Jarina, Zenaide, Merandolino/Cobra Grande. Ver-se nos desenhos e entrevistas realizadas, fortes influências de características do folclore trazidos no processo de colonização e ressignificados ao longo do tempo. Com isso, os desenhos coletados nas oficinas deram características suficientes para a elaboração de desenhos feitos com programas de design gráfico. No entanto, outros desenhos produzidos principalmente pelas crianças, não são fruto de produtos exógenos encrustados na imaginação desde a tenra idade em algumas escolas e localidades. Pelo contrário, alguns seres representados mostraram-se originais, e captou-se essa exclusividade também para a produção do material didático. Assim, teríamos um produto formado pelos representantes endógenos (e exclusivos ao grupo trabalho); e aqueles exógenos, compartilhados entre uma imensa quantidade de regiões e localidades do território nacional. Nesta etapa se houve preocupação em não perder as características encontrados nos desenhos e nas entrevistas. O primeiro desenho foi o Boto (figura 2), o segundo desenho constado na cartilha é a narrativa da lara (Figura 3), neste desenho foi usada uma paisagem como pano de fundo na montagem do desenho. O terceiro ser encantado que foge dos padrões já conhecidos é Curupira (Figura 4), para as pessoas que vivem no T.I. Cobra Grande, a/o Curupira é um ser encantado sem gênero definido. Esse ser *Encantado* é conhecido por ser a mãe das matas e das caças, e temida pelos caçadores. O quarto ser encantado presente na cartilha é a sapa (Figura 5). Ela é também uma mãe do igarapé do seu Nezinho, essa localidade fica entre as aldeias do Arimum e Garimpo. O quinto ser encantado que compõe a cartilha é o Pretinho (Figura 6), conhecido por ser um ser peralta, brincalhão e "malino" com as pessoas que não respeitam o local de sua morada. O sexto ser encantado é a Jarina (Figura 7) uma índia muito bonita, de pele morena, de cabelos longos e pretos que se encantou. Quando está na forma de cobra, apresenta coloração verde-clara, com algumas pintas pretas no corpo. Jarina sempre se apresenta para uma sábia senhora, dando conselhos sobre possíveis perigos. Zenaide (Figura 8) é uma encantada poderosa e "braba", que manda na aldeia Karuci. Ela é uma senhora bem velhinha, quando esta de mau humor se apresenta para as pessoas ou em sonhos, ou incorpora em alguém e passa seus avisos. Segundo relatos ela mora na boca do lago do Karuci. Por último, a história de Merandolino (Figura 9) foi um pajé-sacaca, ficou conhecido pelo seu poder de pajé de curar pessoas, sem cobrar nada em troca. Antes de morrer pediu para que não fosse enterrado, pois ele iria se transformar definitivamente em cobra. Seu pedido não foi aceito. Um dia após seu sepultamento, no lugar da sua sepultura, abriu-se um buraco até a beira do rio. Hoje, Merandolino mora na ponta do Toronó com sua família encantada. O território Cobra Grande recebeu esse nome em homenagem a ele, que é o maior de todos os encantados. Por último, A oitava narrativa é uma homenagem a uma liderança da aldeia Arimum o Seu Tapa (Figura 10). Acredita-se que hoje ele é um dos protetores do território Cobra Grande.

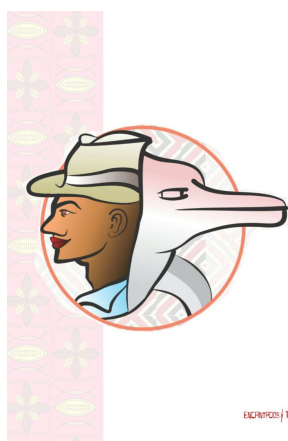


Figura 1 - Boto

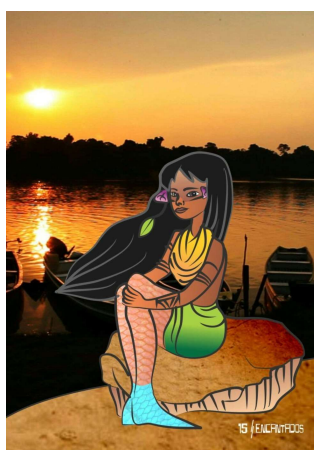


Figura 3 - lara



Figura 4 - Curupira



Figura 5 - Sapa



Figura 6 - Pretinho



Figura 7 - Jarina

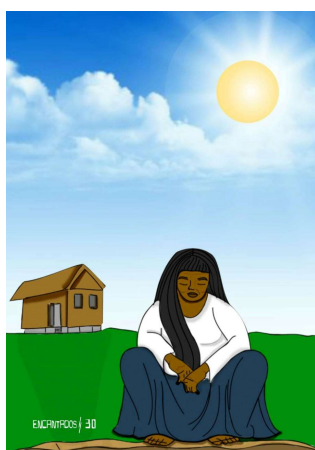


Figura 8 - Dona Zenaide

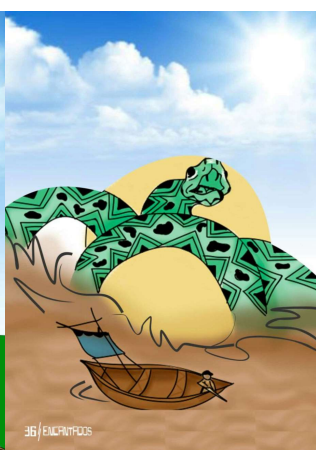


Figura 9 - Merandolino



Figura 10 - Seu Tapa

## CONCLUSÕES

Esse projeto é um entre vários outros que teve responsabilidade com a pesquisa e extensão. Com isso, faz-se a necessidade de ter uma Universidade Federal no Oeste do Pará. Este trabalho é um resultado de resistência cultural por parte dos povos indígenas mesmo tendo diversas vezes seus direitos retirados, mas continuam resistindo e existindo através, por exemplo deste trabalho. Portanto, ressalta-se a importância dos registros das narrativas indígenas servindo como memória social dessas comunidades.

## AGRADECIMENTOS

O projeto agradece o financiamento dos custos durante um ano da Pro-reitoria de extensão e cultura da Ufopa; As lideranças indígenas que aceitaram a nossa presença em campo; aos voluntários, João Tapajós, Patricia Juruna, Vanessa Campos, Djair Oliveira, Ney Rafael e Debora Marcião que ajudam a conclusão deste projeto, e ao Programa de Extensão Patrimônio Cultural na Amazônia (PEPCA) por financiar a impressão das cartilhas.

## REFERÊNCIAS

LIMA, Leandro Mahalem de. **No arapiuns, entre verdadeiros E-RANAS: Sobre Os Espaços, As Organizações E Os Movimentos Do Político**. 2015. 439 f. Tese. (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 2. Ed. Campinas, SP: Papyrus Editor, 2007. 270 p.

LOPES, Aracy Lopes da. **Mitos e cosmologias indígenas no Brasil: Breve Introdução**. In: Grupioni, L. D. B. Índios no Brasil. SMCS, 1992.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, Pajés, Santos e Festas**: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia. Belem: Cejup, 1995.